
Armando Nhantumbo (Doutorando em Jornalismo e Estudos de Media pela Rhodes University (África do Sul). Docente e pesquisador assistente na Escola de Jornalismo e Estudos de Media da Rhodes University. Docente na Escola Superior de Jornalismo (Moçambique). ORCID: 0009-0008-3895-1625)

“REDES SOCIAIS” OU “REDES SOCIAIS DIGITAIS”?

UMA CONTRIBUIÇÃO PARA ENTENDER AS “REDES” NA ERA DA INTERNET

Resumo

As “redes sociais da Internet” tornaram-se parte indispensável do quotidiano das sociedades contemporâneas, transformando-se em ferramentas essenciais para a comunicação, interacção e disseminação de informações. Entretanto, a popularização das plataformas digitais gerou uma confusão conceptual, levando à percepção equivocada de que as “redes sociais” do mundo físico e as “redes sociais” do mundo virtual são sinónimas. O problema central deste estudo reside na dificuldade de distinção conceptual entre as “redes sociais tradicionais” (*offline*) e as “redes sociais da Internet” (*online*), o que frequentemente compromete a clareza dos debates sobre o tema, especialmente entre não especialistas. O principal objectivo deste artigo é conceptualizar e estabelecer as fronteiras entre estes dois tipos de “redes sociais”, evidenciando suas diferenças estruturais, funcionais e comunicacionais. Para isso, a pesquisa adopta uma metodologia qualitativa, aprofundando, através de revisão bibliográfica, a compreensão sobre um tema bastante pertinente na actual era digital. Os resultados indicam que, apesar das semelhanças no uso do termo “rede social”, as “redes sociais da Internet” não são apenas uma versão digital das “redes sociais tradicionais” — elas possuem características próprias, estruturadas por algoritmos, mediação digital e lógicas de engajamento distintas das relações inter-pessoais e institucionais do mundo *offline*. Com efeito, o texto argumenta que o uso da terminologia “redes sociais da Internet” não é necessariamente redundante como alguns comentários sugerem. Pelo contrário, o conceito oferece uma compreensão mais correcta e precisa, o que é fundamental para interpretar corretamente o papel das “redes sociais” na era digital.

Palavras-chave: “redes sociais”, “redes sociais digitais”, Internet, algoritmos, offline, online.

Abstract

"Digital social networks" have become an indispensable part of daily life in contemporary societies, serving as essential tools for communication, interaction, and information dissemination. However, the rise of digital platforms has created a conceptual overlap, leading to the mistaken perception that physical and virtual "social networks" are synonymous. The central problem of this study is the difficulty in conceptually distinguishing between "traditional social networks" (offline, face-to-face relationships) and "social media networks" (online), which often compromises the clarity of debates on the topic, especially among non-specialists. The main objective of this article is to clarify and conceptualise the distinction between the two types of "social networks," by highlighting their structural, functional, and communication-based differences. To achieve this, the research adopts a qualitative methodology, specifically a literature review, to delve into this highly relevant topic in the current digital era. The key findings indicate that, despite the similarities in using the term "social network", "social media networks" are not just a digital version of "traditional social networks" — they have their own unique characteristics governed by algorithms, digital mediation, and engagement logics that are distinct from the interpersonal and institutional relationships of the offline world. Therefore, the article argues that the use of the term "social media networks" is not necessarily redundant, as some suggest. On the contrary, it offers a more correct and precise understanding, which is fundamental for correctly interpreting the role of "social networks" in the digital age.

Keywords: "social networks," "social media networks," Internet, algorithms, offline, online.

Introdução

"Sugiro remover, soa redundante", escreveu, no início de 2025, uma editora de um texto no qual o autor deste artigo se referia às "redes sociais da Internet". Recomendações similares tornaram-se comuns para quem pesquisa ou lida com a área da Internet e das "redes sociais digitais". Por várias vezes, o autor deste texto recebeu "reprimendas" deste género, algumas até vindas de colegas da academia, sobre o que entendem ser "uso redundante" das palavras "Internet", "digital", "virtual" ou *online*, a seguir as "redes sociais". Num contexto em que "redes sociais" se tornaram parte do nosso dia-a-dia, com uma parcela significativa da população a usar e a falar do Facebook, WhatsApp, X (ex-Twitter), entre outras plataformas de interacção social, não faltam "especialistas" que, mesmo sem qualquer pesquisa, não se coibem de recomendar correções sobre o que acham ser uma utilização "incorrecta" dos conceitos acima indicados. De facto, embora as "redes sociais digitais" se tenham tornado parte imprescindível das sociedades contemporâneas, transformando, radicalmente, a

forma de produção, partilha e consumo de conteúdos; democratizando o acesso à informação; e permitindo maior participação cidadã na vida política e social, em certa medida, seu entendimento continua limitado, particularmente em certos contextos, tais como Moçambique. Mas, afinal, o que são “redes sociais”? São as “redes sociais” sinónimas de “redes sociais da Internet”? Estas são as perguntas que este artigo procura responder.

Enquanto, na literatura mais especializada, a utilização das duas terminologias tem estado por detrás de uma extensa produção científica, no senso comum, “redes sociais” e “redes sociais da Internet” têm sido, geralmente, considerados como sinónimos, o que está por detrás de simplismos conceptuais que apenas empobrecem os debates sobre um tema que se tornou central nas nossas vidas. Este é o vazio que o presente artigo procura responder. Recorrendo à revisão bibliográfica, o artigo argumenta que “redes sociais” e “redes sociais da Internet” são conceitos diferentes e o uso de expressões como “redes sociais da Internet”, “redes sociais digitais” ou “redes sociais virtuais” não é redundante. Ao abordar este tema, o presente artigo procura contribuir para a compreensão das “redes sociais” na era da Internet, particularmente no contexto de Moçambique, onde ainda escasseia literatura exclusivamente dedicada à discussão teórica e conceptual de “redes sociais”. Embora para os estudiosos da área, esta não seja necessariamente uma discussão nova, ela revela-se importante para contribuir para o esclarecimento destes conceitos não apenas para a generalidade dos cidadãos, mas particularmente nos cursos de formação em ciências de informação e comunicação, em Moçambique. Oferecer uma discussão aprofundada e especializada que ajuda a esclarecer os “mitos” e até “especulações” à volta destes conceitos, incluindo a via mais óbvia de designar o Facebook ou WhatsApp como “redes sociais”, é ainda mais importante numa altura em que, por experiência própria como docente universitário, o autor constata haver cada vez mais estudantes, particularmente dos cursos de jornalismo que, nos últimos tempos, procuram pesquisar, nas suas monografias, temas relacionados à utilização das “redes sociais da Internet”, no contexto de Moçambique.

Metodologia

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, que é aquela entendida como um processo iterativo e flexível que, a partir de uma maior aproximação ao fenómeno estudado, e usando formas de análise verbais em vez de estatísticas (como ocorre na pesquisa quantitativa), permite alcançar uma compreensão aprimorada do objecto em estudo (Aspers & Corte, 2019; Hammersley, 2013). A pesquisa foi conduzida na base de revisão bibliográfica, através da qual foram consultados livros e artigos sobre o tema em discussão, com o objectivo central de identificar a forma como diferentes autores dialogam com a matéria em estudo neste artigo. Mais especificamente, a análise procurou compreender como os autores: a) definem “redes sociais” e, b) como se referem a plataformas como Facebook e

WhatsApp, nomeadamente se utilizando apenas “redes sociais” ou “redes sociais digitais”, entre outras terminologias equivalentes.

Referencial teórico

Este artigo fundamenta-se na noção da etimologia enquanto estudo ou investigação das histórias das palavras, desde suas origens até à sua evolução (Durkin, 2009; e Jie, 2013). Em geral, a etimologia pode ser definida, pois, como o estudo da origem e história das palavras e seus significados (Jie, 2013). De acordo com Mailhammer (2013), analogicamente falando, a etimologia é como a biografia:

Elá conta a história de uma palavra, desde quando surgiu, pela primeira vez, até sua mais recente atestação, que pode estar no passado ou no presente. Elá inclui quando e como, bem como de que forma aspectos semióticos (forma, significado, combinatória) mudaram e, finalmente, envolve a reconstrução de sua criação original (...), além de sua mais antiga atestação, se necessário (Mailhammer, 2013: 9).

Embora a etimologia seja parte do campo mais amplo da pesquisa linguística histórica, ou seja, das tentativas de explicar como e por que as línguas mudaram e se desenvolveram da maneira que o fizeram, ela não se preocupa, exclusivamente, com um nível linguístico particular; pelo contrário, pode ser usada para outras áreas relacionadas, como a semântica histórica — o estudo do significado das palavras (Durkin, 2009). É nesta possibilidade do seu emprego de forma mais ampla para descrever todo o esforço de tentar fornecer um relato coerente da história (ou pré-história) de uma palavra (Durkin, 2009) que, nesta pesquisa, adopta-se a etimologia enquanto o que Alinei (1994) chama de noção teórica. Assim, com estas lentes da etimologia, procura-se traçar o percurso histórico de “redes sociais” desde o seu surgimento até às mutações que o conceito foi sofrendo, particularmente nos últimos anos, com o advento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Além disso, este exercício permite estabelecer as fronteiras entre “redes sociais” e “redes sociais da Internet”, evidenciando suas diferenças estruturais, funcionais e comunicacionais.

Das Redes Sociais às Redes Sociais Digitais

O desafio da designação a usar para se referir às “redes sociais”, na era da digitalização, não está apenas presente no senso comum. Mesmo na literatura académica, não existe consenso entre os estudiosos sobre a terminologia a usar para designar plataformas como o Facebook ou WhatsApp. Com efeito, autores como Ferreira e Espanha (2018), Schinestck (2018), Nunes (2018), Pena (2019), Macedo et al. (2020), Maradei (2020); Filho et al. (2020) e Mello (2021) utilizam “redes sociais”; mas outros, como Martino (2014), Joanguete (2016), Valente (2018), Fialho (2020), Recuero e Zago (2020) e mesmo (novamente) Ferreira e Espanha (2018), referem-se a “redes sociais na Internet” — Joanguete e Tsandzana (2023) usam praticamente a mesma terminologia, com ligeira

diferença na proposição: “redes sociais da Internet”. Igualmente, Martino (2014), Ferreira e Espanha (2018), Valente (2018), Joanguete e Tsandzana (2023) empregam, ainda, “redes sociais digitais”, enquanto Fialho (2020) acrescenta a denominação “redes digitais”; da mesma forma que Martino (2014) e Fialho (2020) também usam a terminologia adoptada por autores como Bodart e Pires (2020): “redes sociais online”. A dado passo, Martino (2014) emprega, adicionalmente, a terminologia “redes sociais conectadas”, da mesma forma que Fialho (2020) emprega “redes virtuais”. Enquanto isso, autores como Cavalcanti (2016), Cordeiro (2018), Bodart e Pires (2020) e, novamente, Joanguete e Tsandzana (2023), utilizam “redes sociais virtuais”. Outras terminologias incluem “media sociais” (Fialho et al., 2018 e 2020; Recuero et al., 2018; Macedo et al., 2020), “media digitais online” (Bodart e Pires, 2020), “plataformas de redes sociais” (Recuero et al, 2018), “plataformas digitais” (Valente, 2018; Fontes, 2020 e Fialho, 2020), “plataformas online” (Comissão Europeia, *apud* Valente, 2018; Pena, 2019), ou “plataformas tecnológicas” (Gawer, *apud* Valente, 2018). “Media digitais”, “nova media”, “novas tecnologias” (Chandler e Munday, *apud* Martino 2014) e “sites de redes sociais” (boyd e Ellison, 2008) são outras expressões também usadas para designar as “redes sociais” na era da Internet.

Longe de ser uma simples opção de cada autor, esta diversidade de terminologias expressa a complexidade de encontrar uma referência uniforme para um termo marcadamente polissémico. Fialho et al. (2018) referem-se, pois, à “polissemia” do conceito de “rede social”. Aliás, desde logo, o conceito abarca, em si mesmo, uma infinidade de correntes provenientes dos mais variados campos científicos, tais como sociologia, antropologia, psicologia, política e matemática (*idem*). Discorrendo sobre o emprego quase intercambiável dos termos, autores como Fialho et al. (2018 e 2020), Martelete (2018), Schinestck (2018) e Macedo et al. (2020) observam que o termo “redes sociais” é usado para se referir tanto a uma rede de pessoas, como também à tecnologia que dá suporte às conexões e interacções entre as pessoas.

Assim, chamamos de rede social tanto o Facebook, quanto o grupo de pais da escola e, também, o grupo de pais da escola no WhatsApp, por exemplo. A confusão entre a estrutura social e o dispositivo de comunicação acontece devido à polissemia e polivalência do termo ‘rede’ (Macedo et al, 2020: 230).

Nas secções abaixo, discute-se a distinção de cada uma destas noções, nomeadamente as “redes sociais” do espaço *offline* e as do espaço virtual¹.

¹ Embora não objecto deste artigo, o “virtual” ou “espaço virtual” é, também, objecto de confusão conceptual, sendo, muitas vezes, empregado, no senso comum, como oposto ao “real”, como se aquilo que é “virtual” não tivesse existência. Mas, pelo contrário, o mundo virtual é real, ele existe enquanto possibilidade e se torna acessível quando é acessado. “No ciberespaço todas as informações e dados existem, mas não são acessados ao mesmo tempo. Estão lá, nas memórias de computadores e servidores. Existem como algo que pode ser, algo virtual, e vão se tornar um acto quando forem acessados e se transformarem em figuras, imagens, textos e sons na tela. Os dados do ciberespaço são todos virtuais até que se transformem naquilo que devem ser” (Martino, 2014: 30). Por isso, a expressão “mundo virtual” pode se opor ao “mundo físico”, mas

Redes Sociais

Tradicionalmente, as “redes sociais” fazem parte do campo de estudo da sociologia, sendo analisadas como estruturas de interacção e interdependência entre indivíduos, grupos e instituições. Elas existem desde os primórdios da humanidade, muito antes da ascensão de plataformas digitais como Facebook e WhatsApp. Desde sempre, os seres humanos se organizaram em “redes” de interacção, baseadas em laços de parentesco, amizade, cooperação e troca de informações. No entanto, com o avanço da tecnologia, o conceito de “redes sociais” passou por uma ressignificação, gerando confusão entre o seu significado original e o uso associado ao ambiente digital. De acordo com Fialho et al. (2018), essa ambiguidade etimológica contribui para a crença equivocada de que as “redes sociais” nasceram com a Internet, quando, na verdade, constituem uma estrutura fundamental da organização social humana.

Para compreender melhor esta questão, é necessário recorrer à origem académica do conceito. A formalização do termo ocorreu em 1954, quando o antropólogo britânico John Barnes utilizou, pela primeira vez, a expressão "social network" (Barnes, 1969; Barnard, 2011) para analisar os laços informais de amizade, parentesco e vizinhança entre pescadores de uma pequena comunidade. No entanto, a sociometria desenvolvida por Jacob Levy Moreno, nos anos 1930, também foi essencial no mapeamento de interacções sociais e na análise da dinâmica das relações humanas dentro de grupos organizados (Moreno, 1941). Com base nesses estudos, Fialho (2020) defende que as “redes sociais” podem ser compreendidas como um sistema relacional, composto por nós (actores sociais, como indivíduos, grupos e instituições), laços (as conexões entre os nós ou actores, que podem ser fortes ou fracos) e interacções (fluxo de comunicação e troca de informações, que inclui a troca de mensagens, compartilhamento de conteúdos e formação de discursos colectivos). Em paralelo, Martino (2014) argumenta que, ao longo da história, diferentes tipos de organização social foram criados com base em distintos vínculos — afectivos, religiosos, económicos ou políticos —, sendo as “redes sociais” uma manifestação desses sistemas de relações. Valente (2018) lembra como a organização em colectividade — subjacente à noção de “rede social” — é tão antiga quanto a própria humanidade.

A produção intelectual, em especial as ciências humanas, construiu, ao longo da história, diversas formas de examinar como os seres humanos agem conjuntamente. Um campo, contudo, constitui-se em cima do foco nessas formas de organização. A elas, deu o nome de ‘redes sociais’ (Valente, 2018: 160).

A partir de várias propostas conceptuais, também Alves (2018) argumenta que as “redes sociais” devem ser entendidas como sistemas de laços unindo os actores sociais ou, ainda, associação de determinados elementos ligados entre si por

não ao “mundo real”. Com efeito, contrário de “virtual” é “actual”, no sentido de algo que está acontecendo neste momento (idem).

qualquer espécie de fios. Ferreira e Espanha (2018) também argumentam que uma “rede social” é a capacidade de actores sociais, pessoas, grupos e instituições, relacionarem-se. Já Martelete (2018) reforça que “redes sociais” não são meras infra-estruturas de comunicação, mas sim uma estrutura relacional que possibilita a interacção contínua entre indivíduos e grupos sociais.

Portanto, o conceito de “redes sociais” transcende o uso contemporâneo associado ao espaço digital. É verdade que, ainda que o desenvolvimento tecnológico tenha reconfigurado a forma como as interacções humanas acontecem, a estrutura fundamental das “redes sociais” permanece baseada na interligação de actores sociais e na troca contínua de informações. No entanto, ao contrário do que muitas vezes se presume, “redes sociais” e “redes sociais da Internet” não são conceitos equivalentes. As “redes sociais digitais” são uma manifestação específica das “redes sociais tradicionais”, mediadas por algoritmos e plataformas tecnológicas que transformam a lógica das conexões e da comunicação. Assim, compreender essa distinção é essencial para evitar confusões conceptuais e interpretar corretamente o papel das “redes sociais” nas sociedades contemporâneas. Na secção abaixo, aprofunda-se a noção de “redes sociais” na era da Internet, que está por detrás de até especulações.

Redes Sociais da Internet

As “redes sociais da Internet” são uma evolução do conceito tradicional de “redes sociais”, trazendo novas dimensões de interactividade e comunicação mediadas pela tecnologia digital. Embora a noção de “rede social” já existisse nas ciências sociais muito antes do advento da Internet, a tecnologia ampliou, significativamente, sua relevância e alcance. Nesse sentido, Cavalcanti e Fontes (2018) destacam como a Internet possibilitou a organização reticular das interacções humanas, permitindo que indivíduos estabelecessem contacto até com pessoas de diferentes lugares, e tivessem acesso a mais informação. Do mesmo modo, Macedo (2018) reforça que a emergência de sites e aplicativos para comunicação em rede deu origem a novas formas de interacção online e à estruturação das chamadas “redes sociais digitais”. Assim, o conceito de “redes sociais da Internet” ou “redes sociais digitais” foi consolidado para distinguir as novas estruturas comunicacionais das “redes sociais”. É desta forma que, embora a designação “rede social” não seja nova (Schinestock, 2018), Pereira, Pereira e Pinto (2011) destacam como, nos últimos anos, o termo passou a ser amplamente aplicado para designar estruturas compostas por indivíduos e organizações que compartilham interesses e interagem por meio da comunicação digital. No ambiente digital, o modelo estrutural das “redes sociais tradicionais”, composto por nós, laços e interacções, se mantém, mas passa a ser mediado pela tecnologia e pelos algoritmos das plataformas digitais.

Enquanto nas “redes sociais tradicionais” as conexões são determinadas por interacções espontâneas e presenciais, nas “redes sociais da Internet” essas interacções são frequentemente influenciadas por sistemas de recomendação, que direcionam conteúdos e moldam a comunicação. Ferreira e Espanha (2018) destacam que essa nova dinâmica altera, significativamente, a forma como as

relações sociais são estabelecidas, pois, além da conexão entre indivíduos, há uma forte intervenção de mecanismos automatizados que ampliam ou restringem o alcance das interacções. No mundo digital, os elementos que formam a estrutura funcional das “redes sociais” (nós, laços e interacções) são potencializados pelo engajamento algorítmico, que influencia a visibilidade e a disseminação das informações. Por conseguinte, as “redes sociais da Internet” adquirem características próprias, diferenciando-se das “redes sociais tradicionais”, tanto na forma como os laços são estabelecidos, quanto na dinâmica da comunicação. Cavalcanti e Fontes (2018) destacam que, no ambiente digital, as “redes sociais” funcionam como um ecossistema dinâmico, onde a interacção entre os “nós” não ocorre apenas por interesse espontâneo, mas também pela lógica da conectividade imposta pelas plataformas digitais. Portanto, a transposição das interacções sociais para o espaço digital não ocorre de maneira meramente reflexiva. Como apontam Bodart e Pires (2020):

Actividades económicas, sociais, políticas e culturais essenciais por todo o planeta estão sendo estruturadas pela Internet em torno dela (...). Em termos elisianos (do proeminente Norbert Elias), isso significa dizer que os diversos tipos de relação de interdependência que estruturam as figurações sociais, no espaço físico, também estruturam as redes sociais virtuais (Bodart e Pires, 2020: 64 e 82).

Assim sendo, as “redes sociais da Internet” não são apenas representações das “redes sociais tradicionais”, mas sim espaços que introduzem novas lógicas de conexão e comunicação. Paralelamente, Valente (2018) ressalta que o termo “redes sociais” ganhou um novo significado na era da Internet, passando a designar espaços digitais conectados, onde indivíduos podem divulgar informações e interagir de diversas maneiras. Plataformas como Orkut, ICQ, Facebook, Twitter, Snapchat e WhatsApp representam uma história recente desse processo de popularização das “redes sociais digitais”. Ademais, o autor argumenta que essas “redes” operam como sistemas sociotécnicos, nos quais aspectos tecnológicos, económicos, políticos, culturais e legais se inter-relacionam na sua estruturação. Desse modo, mais do que apenas conectar pessoas, essas “redes” também moldam formas de participação social, influência digital e consumo de informação. Por sua vez, Recuero e Zago (2020:34) reforçam esta distinção ao afirmar que “as redes sociais na Internet não são representações de outras redes sociais – são suas próprias redes, que existem em um plano complementar, adicional e não independente ou de mera transcrição”. Isso significa que, ao contrário do que se pode pensar, elas não são apenas extensões das redes *offline*, mas sim espaços que introduzem novas lógicas de conexão, comunicação e interacção social. A estrutura funcional das “redes sociais digitais” possui, pois, características específicas que ampliam as interacções sociais em relação às redes tradicionais.

Recuero e Zago (2020) apontam algumas das mudanças fundamentais proporcionadas pelas “redes sociais da Internet”, tais como a possibilidade de conexão baseada em interesses individuais, sem limitações geográficas, e a manutenção de conexões em grande escala, permitindo que os usuários tenham

milhares de conexões activas sem necessidade de interacções presenciais. Além do mais, estas “redes” possibilitam a participação em debates globais e o acesso a conteúdos diversos, ampliando o alcance e a complexidade das interacções sociais. Outra característica importante é a flexibilidade na construção da identidade digital, permitindo que indivíduos criem múltiplos perfis (incluindo anónimos) e que novos actores, como *bots* e assistentes virtuais, passem a interagir nesses espaços. Por outro lado, além destas características estruturais, boyd e Ellison (2008), que usam a terminologia “sites de redes sociais”, definem-nas como serviços baseados na *web* que permitem aos indivíduos: a) construir um perfil público ou semi-público dentro de um sistema delimitado; b) articular uma lista de outros usuários com os quais compartilham uma conexão e; c) visualizar e percorrer sua lista de conexões e aquelas feitas por outros dentro do sistema. Por sua vez, Valente (2018) destaca que as “redes sociais digitais” se diferenciam pelo uso intensivo de dados, permitindo a personalização de conteúdos e interacções. Isto ocorre porque essas plataformas colectam grandes volumes de dados sobre seus usuários, analisando comportamentos, preferências e padrões de interacção. Consequentemente, essas informações são processadas por algoritmos para sugerir conteúdos, produtos e serviços, tornando a experiência do usuário mais personalizada. Além disso, a automação e a inteligência artificial desempenham um papel crescente nas interacções digitais, regulando a visibilidade dos conteúdos e influenciando o engajamento dos usuários. Desta forma, as “redes sociais da Internet” não apenas conectam indivíduos, mas também regulam suas interacções por meio de sistemas algorítmicos que determinam quais conteúdos serão mais visíveis e influentes dentro da plataforma. Essa lógica de funcionamento leva Fialho (2020) a argumentar que estas “redes” não podem ser consideradas meros espaços de interacção social, mas sim ferramentas de amplificação das vozes dos seus usuários, que podem agora alcançar audiências globais, construir narrativas próprias e até mesmo se tornarem influenciadores digitais. Como o autor explica:

Quero, com esta diferenciação, dizer que as redes sociais virtuais divergem das relações institucionais e interpessoais em termos de estrutura que sustenta a sua mediação. As redes sociais mediadas pelas estruturas digitais são redes amplificadas, através das quais a ‘voz’ dos seus actores beneficia de um alcance incomensurável e enquadraram-se no campo dos Media Social (social media). Por esta razão, os seus utilizadores podem participar em discussões à escala global, aceder a conteúdos nos diversos cantos do globo, construir novas identidades (real e online/virtual/digital) e, hoje, até se tornarem influenciadores digitais de outras pessoas, vulgo: digital *influencer* (Fialho, 2020: 23).

Joanguete e Tsandzana (2023) esclarecem que, enquanto as “redes sociais tradicionais” são formadas por conexões entre diferentes actores (sejam empresas, grupos de amigos ou instituições), as “redes sociais digitais” são plataformas tecnológicas que permitem interacções e trocas de informações em grande escala. Segundo os autores, essas redes formam uma “esfera que liga directamente os utilizadores da Internet, responde a uma lógica de troca, de partilha, de conversa e de encontro, porquanto somos produtores de múltipla informação e conteúdos, tornando-nos públicos virtuais” (Joanguete e

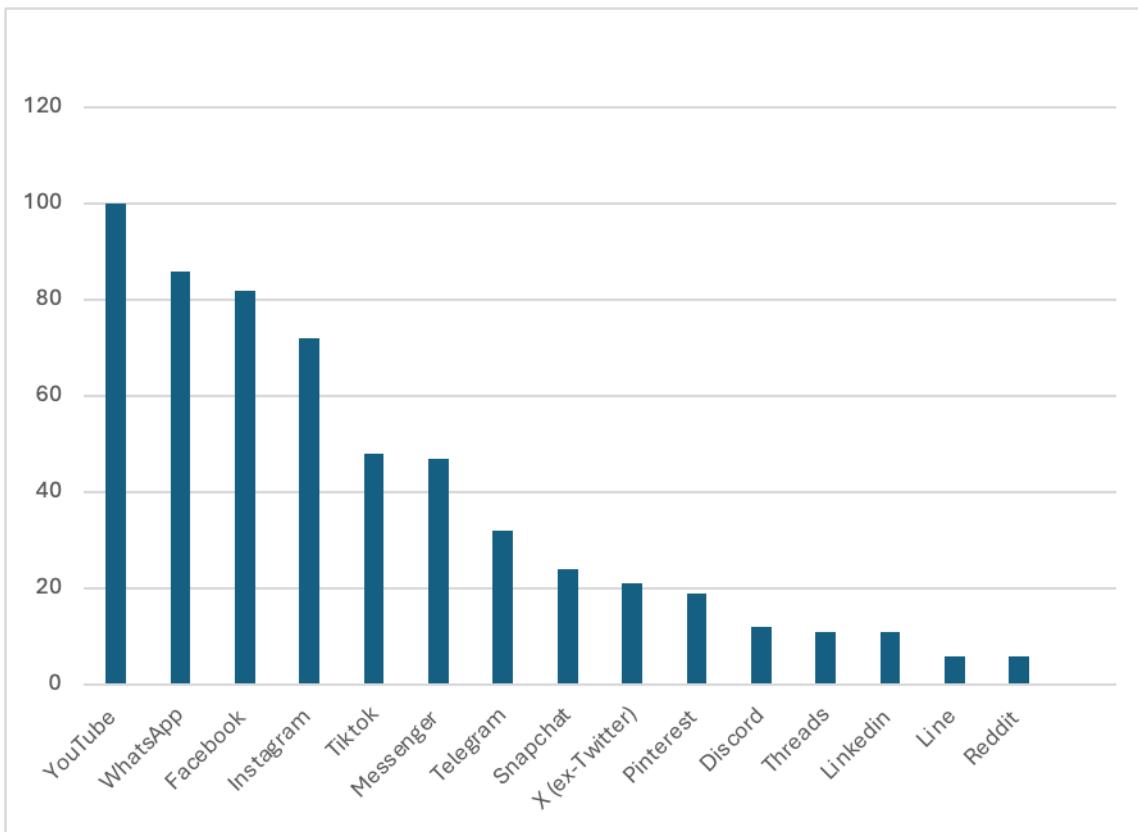
Tsandzana, 2023: 22). E mais: embora as experiências *online* e *offline* possam estar profundamente entrelaçadas, visto que as “redes sociais da Internet” podem manter ou solidificar conexões *offline* (boyd e Ellison, 2008), são diferentes das “redes sociais tradicionais”. Em síntese, “redes sociais da Internet” têm suas próprias características, são mediadas pela tecnologia digital e operam sob lógicas algorítmicas e sociotécnicas específicas, que as distinguem das “redes sociais tradicionais”, que operam na base de relações inter-pessoais, grupais ou institucionais.

O mercado das “redes sociais da Internet”

Na actualidade, as “redes sociais digitais” tornaram-se um verdadeiro mercado de interacções, gerando uma economia de grande escala. Enquanto o SixDegrees.com² foi considerado o primeiro “site de redes sociais”, no conceito de boyd e Ellison (2008), introduzindo, pela primeira vez, a dimensão de “perfis e de “conectar-se” com “amigos”, de uma forma que prenunciou as “redes sociais” modernas, o mercado das “redes sociais da Internet” tornou-se, actualmente, bastante diversificado. Embora um mercado bastante volátil e com constantes alterações, os dados da Data.AI (*apud* DataReportal, 2025) indicam que, até Março de 2025, altura da produção deste artigo, o Youtube é a “rede social digital” com maior número de usuários activos, com um índice de 100 [o índice máximo no ranking da Data.AI]. No segundo e terceiro lugar, seguem o WhatsApp e o Facebook, respectivamente. O Instagram ocupa o quarto lugar, o TikTok o quinto, enquanto o Messenger, da Meta (empresa proprietária do Facebook e do WhatsApp), reivindica o sexto lugar. O público (usuário) crescente do Telegram já está se aproximando de um terço do tamanho do YouTube, mas todas as outras plataformas têm menos de um quarto do número de usuários activos de aplicativos que o YouTube possui (Data.AI, *apud* DataReportal, 2025).

Gráfico 1: Índice de utilização das redes sociais da Internet no mundo

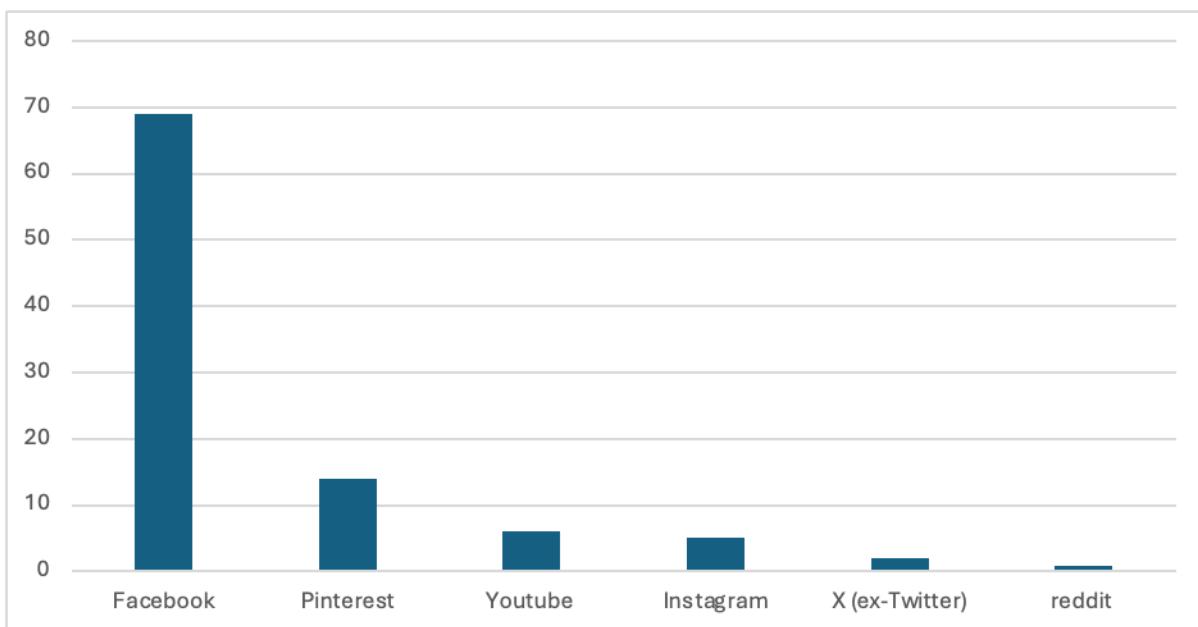
² O SixDegrees.com foi lançado em 1997 e, embora tenha atraído milhões de usuários, não conseguiu se tornar num negócio sustentável até que, em 2000, o serviço foi encerrado.



Fonte: elaboração do autor na base de dados da Data.AI. Março de 2025

No entanto, em Fevereiro de 2025, estimava-se que o Facebook tivesse 3,07 bilhões de usuários activos mensais, contra 2,53 bilhões de usuários potenciais do YouTube e 2 bilhões de usuários activos mensais do WhatsApp (DataReportal, 2025). Na mesma altura (Fevereiro 2025) aproximadamente 5,56 bilhões de pessoas estavam usando Internet em todo o mundo, representando 67,9% da população global. Além disso, havia 5,24 bilhões de usuários activos de “redes sociais digitais”, representando 63,9% da população mundial (Statista, 2025). Estima-se que um usuário típico de “redes sociais da Internet” use ou visite activamente uma média de 6,8 plataformas diferentes a cada mês e gaste uma média de 2 horas e 21 minutos por dia nestas plataformas, sugerindo que as pessoas gastam aproximadamente 14% de suas vidas profissionais (considerando que a maioria das pessoas dorme entre 7 e 8 horas por dia) usando as “redes sociais digitais” (DataReportal, 2025). Como a DataReportal (2025) resume, isso significa que o mundo gasta mais de 12 bilhões de horas usando plataformas de “redes sociais digitais”, a cada dia. No contexto de Moçambique, dados da statcounter (2025) indicavam, em Março do mesmo ano que, a seguir ao Facebook, o Pinterest, o YouTube e o Instagram eram as “redes sociais digitais” mais usadas. Contudo, a partir da observação pessoal, argumento que o WhatsApp tornou-se, nos últimos anos, uma das plataformas digitais mais usadas, em Moçambique.

Gráfico 2: Índice de utilização das “redes sociais da Internet” em Moçambique



Fonte: elaboração do autor na base de dados da statcounter. Março de 2025

Em termos numéricos, calcula-se que cerca de 7,96 milhões de moçambicanos, dos mais de 34 milhões de habitantes, usem Internet, em Moçambique, representando uma taxa de penetração destes serviços de aproximadamente 23,2% (DataReportal, 2024). Cerca de 3,2 milhões de pessoas, representando 9,3% da população, usam “redes sociais digitais” (idem).

Discussão

Este trabalho enfatiza que, nos tempos actuais, a referência a “redes sociais da Internet” ou demais terminologias similares não é necessariamente uma “redundância” como vezes sem conta se coloca a questão. Ao invés disso, é um exercício necessário para a clareza das discussões sobre a matéria, particularmente nos debates académicos e/ou especializados. O rastreio da origem, história e significado de “redes sociais”, aqui feito à luz da etimologia, evidencia que falar simplesmente de “redes sociais” não é automaticamente referir-se ao Facebook, WhatsApp, entre outras plataformas de interacção virtual. Pelo contrário, é referir aos laços humanos, isto é, as estruturas de interacção e inter-dependência entre indivíduos, que já existiam antes da emergência das tecnologias. Com as tecnologias, o conceito de “rede social” ganhou novas nuances, uma vez que os laços humanos também se reconfiguraram, passando a se basearem igualmente no espaço virtual. É assim que, nos tempos presentes, existem, por um lado, as “redes sociais” que se referem às relações interpessoais estabelecidas no mundo físico ou *offline* e as “redes sociais da Internet”, entre outras terminologias similares que se referem àquelas estabelecidas no mundo virtual, através de plataformas como Facebook,

WhatsApp, Instagram e outras de género, nas quais as pessoas interagem e expõem suas ideias. Os elementos que formam a estrutura funcional das “redes sociais” (nós, laços e interacções), são os mesmos, tanto no espaço *offline* como no espaço digital. Entretanto, no espaço digital, estes elementos são potencializados pelo aspecto sociotécnico virtual, incluindo a automação e a inteligência artificial ou engajamento algorítmico, o que faz com que as “redes sociais da Internet” não sejam uma mera transposição das “redes sociais tradicionais”, mas sim espaços que introduzem lógicas próprias de conexão e comunicação.

Estas transformações abarcam outras características exclusivas ao espaço digital, isto é, que não nasceram com as “redes sociais tradicionais”. Conforme acima referenciado, estas características incluem a possibilidade de conexão e interacção sem limitações geográficas e a manutenção de conexões em grande escala, o que, diferentemente dos actores das “redes sociais tradicionais”, permite que os actores das “redes sociais da Internet” tenham milhares de conexões activas sem necessidade de interacções presenciais, ao mesmo tempo que isso lhes permite participar em debates e discussões de escala mundial, que se sobrepõem às barreiras físicas nas quais estavam confinadas as “redes sociais tradicionais”. Com efeito, a ascensão das “redes sociais da Internet” não representa apenas uma continuidade das “redes sociais tradicionais”, mas sim uma nova configuração das interacções sociais e comunicacionais. Ao reconhecer essas diferenças, torna-se possível compreender o impacto das “redes sociais digitais” nas sociedades contemporâneas e sua relevância particularmente para os estudos sobre comunicação, tecnologia e relações sociais.

Assim, ao invés de redundante, a referência à “Internet”, “digital” ou “virtual” em relação a “redes sociais” deve ser entendida dentro de um esforço que é necessário para uma discussão mais informada, rigorosa e menos simplista e especulativa. Se a referência ao Facebook, WhatsApp, Instagram, etc, apenas como “redes sociais” pode ser compreensível, sobretudo nas conversas informais e/ou entre não-especialistas, uma utilização adequada destes conceitos é necessária para um debate mais rigoroso sobre esta matéria, particularmente na comunidade académica. A crescente popularização das “redes sociais da Internet”, incluindo em Moçambique, onde o mercado destas “redes” está em ascensão, mostra a necessidade de cada vez maior aprimoramento da compreensão deste que é um dos maiores fenómenos dos nossos tempos. Tudo em prol de debates mais rigorosos e menos especulativos.

Conclusão

Este artigo procurou discutir a distinção conceptual entre as “redes sociais tradicionais” e as “redes sociais da Internet” para ajudar a esclarecer a confusão

que frequentemente compromete a clareza dos debates envolvendo estes conceitos, especialmente entre não especialistas. Adoptando uma abordagem qualitativa baseada na revisão bibliográfica, o artigo mostra que, embora próximos e até aparentemente idênticos, os conceitos de “redes sociais” e “redes sociais digitais” não são sinónimos. Pelo contrário, referem-se a realidades diferentes. Enquanto “redes sociais” é uma construção antiga das ciências sociais, como a sociologia, para se referir a agrupamentos humanos, independentemente dos laços de ligação (de familiaridade, de amizade, profissionais, escolares, etc), “redes sociais da Internet” dizem respeito específico às “redes” que os seres humanos estabelecem por via das novas tecnologias de informação e comunicação. Enquanto as “redes sociais tradicionais” operam apenas com base em relações inter-pessoais, grupais ou institucionais, as “redes sociais da Internet” operam sob lógicas sociotécnicas específicas, tais como conexão e interacção à larga escala e sem barreiras geográficas e o uso de algoritmos e da automação, incluindo a Inteligência Artificial. Assim, as “redes sociais da Internet” não são mera transposição das “redes sociais tradicionais”, mas “redes sociais” em si próprias, com lógicas particulares. Com efeito, diferentemente do sentido popular, referir-se à “Internet”, “digital” ou “virtual” não é “redundante” em relação a “redes sociais”. Pelo contrário, deve ser entendido dentro de um esforço que é necessário para uma discussão mais informada, rigorosa e menos simplista e especulativa. Esta clareza é particularmente essencial para todos aqueles que se interessam em estudar e trabalhar na área das “redes sociais”, sejam elas *offline* ou *online*.

Bibliografia

- Alinei, Mario. (1994). Thirty-Five Definitions of Etymology or: Etymology Revisited. In *On Languages and Language: The Presidential addresses of the 1991 Meeting of the Societas Linguistica Europaea*. Winter, W. (Ed.). DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110881318.1>
- Alves, João Emílio. (2018). Redes sociais municipais e promoção de emprego. Contributos para a construção de territórios inclusivos. In *Redes Sociais. Para uma compreensão multidisciplinar da sociedade*. Coord. de Fialho et al. Pgs. 85-95. 1ª edição. Lisboa. Edições Sílabo, Lda.
- Aspers, P., & Corte, U. (2019). What is Qualitative in Qualitative Research. *Qualitative Sociology*, 42(2), 139–160. <https://doi.org/10.1007/s11133-019-9413-7>
- Barnes, J. A. (1969). Graph Theory and Social Networks: A Technical Comment on Connectedness and Connectivity. *Sociology*, 3(2), 215–232. <https://doi.org/10.1177/003803856900300205>

Barnard, Alan (2011). John Arundel Barnes: 1918–2010. Proceedings of the British Academy, 172, 27–45. The British Academy. <https://www.thebritishacademy.ac.uk/documents/1703/172p027.pdf>

Bodart, Cristiano das Neves, e Pires, Welkson (2020). Alguns Contributos de Norbert Elias para o Estudo das Redes Sociais Online. In *Redes Sociais. Como Compreendê-las? Uma Introdução à Análise de Redes Sociais*. Org. de Fialho. Pgs.63-92. 1^a edição. Lisboa. Edições Sílabo, Lda.

boyd, danah m., e Ellison, Nicole B. (2008). Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*. 13. International Communication Association. Pgs 210–230. DOI: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x>

Cavalcanti, Davi Barbosa. (2016). Redes sociais virtuais como instrumentos de mobilização política: uma análise do grupo “Direitos Urbanos/Recife” no Facebook. Universidade Federal de Pernambuco. <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/17781/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Completa.pdf3.pdf>.

Cavalcanti, Davi Barboza, e Fontes, Breno (2018). Mobilização de Pessoas em Grupos Virtuais. O Papel das Lideranças. In *Redes Sociais. Para uma Compreensão Multidisciplinar da Sociedade*. Coord. de Fialho et al. Pgs. 203-2020. 1^a edição. Lisboa. Edições Sílabo, Lda.

Cordeiro, Ana Paula (2018). Redes Sociais, Migrações e Transnacionalismo. In *Redes Sociais. Para uma Compreensão Multidisciplinar da Sociedade*. Coord. de Fialho et al. Pgs. 275-288. 1^a edição. Lisboa. Edições Sílabo, Lda.

DataReportal (2024). Digital 2024: Mozambique. <https://datareportal.com/reports/digital-2024-mozambique>

DataReportal (2025). Global Social Media Statistics. <https://datareportal.com/social-media-users>

Durkin, Philip (2009). The Oxford Guide to Etymology. Oxford University Press. New York. Acedido a 10 de Fevereiro de 2025 em https://users.pfw.edu/flemingd/_HEL2022/Durkin_Etymologych1_2.pdf

Ferreira, Raquel e Espanha, Rita (2018). Usos e Gratificações. Uma Experiência do Consumo das Redes Sociais Digitais. In *Redes Sociais. Para uma Compreensão Multidisciplinar da Sociedade*. Coord. de Fialho et al. Pgs. 97-118. 1^a edição. Lisboa. Edições Sílabo, Lda.

Fialho, Joaquim; Saragoça, José; Baltazar, Maria da Saudade; e Dos Santos, Marcos Olímpio (coord) (2018). A Pertinência de um Livro de Redes Sociais com uma

Abordagem Multidisciplinar. In *Redes Sociais: para uma Compreensão Multidisciplinar da Sociedade*. Pgs 13-18. 1^a edição. Lisboa. Edições Sílabo, Lda.

Fialho, Joaquim; Saragoça, José; Baltazar, Maria da Saudade; e Dos Santos, Marcos Olímpio (coord) (2018). A Propósito de Redes Sociais. Do Conceito à Compreensão Multidisciplinar da Sociedade. In *Redes Sociais: para uma Compreensão Multidisciplinar da Sociedade*. Pgs 18-28. 1^a edição. Lisboa. Edições Sílabo, Lda.

Fialho, Joaquim (2020). Introdução. In *Redes Sociais. Como Compreendê-las? Uma Introdução à Análise de Redes Sociais*. Org. de Fialho. Pgs.15-18. 1^a edição. Lisboa. Edições Sílabo, Lda.

Fialho, Joaquim (2020). Pressupostos para uma Análise de Redes Sociais: Conceitos e Elementos-chave para o desenvolvimento da Análise. In *Redes Sociais. Como Compreendê-las? Uma Introdução à Análise de Redes Sociais*. Org. de Fialho. Pgs. 109-133. 1^a edição. Lisboa. Edições Sílabo, Lda.

Fialho, Joaquim (2020). A Sociedade das Redes. In *Redes Sociais. Como Compreendê-las? Uma Introdução à Análise de Redes Sociais*. Org. de Fialho. Pgs.22-32. 1^a edição. Lisboa. Edições Sílabo, Lda.

Filho, Reinaldo Antônio Bastos; Rezende, Dimitri Fazito de Almeida; Pinto, Neide Maria de Almeida; e Fiúza, Ana Louise de Carvalho (2020). Redes de Apoio Familiar em Regiões Periféricas de uma Cidade de Porte Médio. In *Redes Sociais. Como Compreendê-las? Uma Introdução à Análise de Redes Sociais*. Org. de Fialho. Pgs.269-294. 1^a edição. Lisboa. Edições Sílabo, Lda.

Fontes, Breno Augusto (2020). A Singularidade da Análise Reticular: entre a Accção e Estrutura. In *Redes Sociais. Como Compreendê-las? Uma Introdução à Análise de Redes Sociais*. Org. de Fialho. Pgs.47-61. 1^a edição. Lisboa. Edições Sílabo, Lda.

Hammersley, M. (2013). What is Qualitative Research? *Bloomsbury Academy*. DOI 10.5040/9781849666084

Jie, Zhang (2013). Application of Etymology and Semantic Field Theory for Second Language Acquisition. *US-China Foreign Language*, 11(11), 834-839. *David Publishing*.
<https://www.davidpublisher.com/Public/uploads/Contribute/552f5b177f599.pdf>

Joanguete, Celestino (2016). Imprensa Moçambicana: do Papel ao Digital. Teorias, História e Digitalização. Maputo. *CEC*.

Joanguete, Celestino, e Tsandzana, Dércio (2023). Cidadania Digital: “Explorando Oportunidades e Enfrentando Desafios”. Maputo. *Ethale Publishing*.

Macedo, Valéria (2018). A Informação Existente nas Narrativas Humanas das Redes Sociais. In *Redes Sociais. Para uma compreensão multidisciplinar da sociedade*. Coord. de Fialho et al. Pgs. 221-238. 1^a edição. Lisboa. Edições Sílabo, Lda.

Macedo, Valéria; Thurler, Lariza; e De Carvalho, José Marcos Cavalcanti (2020). Redes Sociais e as Abordagens Metodológicas Utilizadas nas Pesquisas Académicas. In *Redes Sociais. Como Compreendê-las? Uma Introdução à Análise de Redes Sociais*. Org. de Fialho. Pgs.221-233. 1^a Edição. Lisboa. Edições Sílabo.

Mailhammer, Robert (2013). Towards a Framework of Contact Etymology. In *Lexical and Structural Etymology. Beyond Word Histories*. Edited by: Robert Mailhammer. De Gruyter Mouton. DOI: <https://doi.org/10.1515/9781614510581.9>

Maradei, Anelisa (2020). Pesquisa em Redes Sociais no Twitter: Modelo Metodológico para Observação de Movimentos de Protesto. In *Redes Sociais. Como Compreendê-las? Uma Introdução à Análise de Redes Sociais*. Org. de Fialho. Pgs.317-335. 1^a edição. Lisboa. Edições Sílabo, Lda.

Martelete, Regina (2018). Informação, Conhecimento e Redes Sociais no Campo da Saúde. In *Redes Sociais: para uma Compreensão Multidisciplinar da Sociedade*. Pgs. 29-50. 1^a edição. Lisboa. Edições Sílabo, Lda.

Martino, Luís Mauro Sá (2014). Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, Ambientes, Redes. Petrópolis, RJ. Vozes.

Mello, Patrícia Campos (2021). A Máquina do Ódio. Jornalismo, Fake News e Violência Digital. 1^a edição. Lisboa. Quetzal.

Moreno, J. L. (1941). Foundations of Sociometry: An Introduction. *Sociometry*, 4(1), 15. <https://doi.org/10.2307/2785363>

Nunes, Nelson (2018). Quem Vamos Queimar Hoje? 1^a Edição. Portugal. 20|20.

Pena, Paulo (2019). Fábrica de Mentiras. Viagem ao Mundo das Fake News. Lisboa. Perguin.

Pereira, Luís; Pereira, S. e Pinto, M. (2011). Internet e Redes Sociais: Tudo o que Vem à Rede é Peixe? Edumedia. http://www.lasics.uminho.pt/edumedia/wp-content/uploads/2012/01/redes-sociais.pdf?fbclid=IwAR2XdZP1Dov8obswPbvGUBs8Ug_2ttL6cxts74pCgVBmh-qW4Ya2805CKqq

Recuero, Raquel; Zago, Gabriela; e Soares, Felipe Bonow (2018). Mídia Social e Filtros-Bolha nas Conversações Políticas no Twitter. In *Redes Sociais. Para uma Compreensão Multidisciplinar da Sociedade*. Coord. de Fialho et al. Pgs. 119-142. 1^a edição. Lisboa. Edições Sílabo, Lda.

Recuero, Raquel, e Zago, Gabriela (2020). Desafios e Perspectivas para a Análise de Redes Sociais na Internet. In *Redes Sociais. Como Compreendê-las? Uma Introdução à Análise de Redes Sociais*. Org. de Fialho. Pgs.33-45. 1^a edição. Lisboa. Edições Sílabo, Lda.

Schinestsck, Letícia Ribeiro (2018). #Estupronãoéculpadavítima. A Apropriação da Mesma Hashtag para a Disseminação de Valores e Narrativas diferentes no Twitter a partir da ARS. In *Redes Sociais. Para uma Compreensão Multidisciplinar da Sociedade*. Coord. de Fialho et al. Pgs.143-158. 2018. 1^a edição. Lisboa. Edições Sílabo, Lda.

Statcounter (2025). Social Media Stats Mozambique.
<https://gs.statcounter.com/social-media-stats/all/mozambique>

Statista (2025). Number of Internet and Social Media Users Worldwide as of February 2025. <https://www.statista.com/statistics/617136/digital-population-worldwide/>

Valente, Jonas (2018). Redes Sociais Digitais. A Importância da Dimensão Económica e a Emergência de Monopólios Digitais. In *Redes Sociais. Para uma Compreensão Multidisciplinar da Sociedade*. Coord. de Fialho et al. Pgs. 158-177. 1^a edição. Lisboa. Edições Sílabo, Lda.